

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

JACIARA MARQUES

UMA ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DO ÊXTASE PETENCOSTAL E DA NOÇÃO  
BÍBLICA DE FRUTO DO ESPÍRITO

VITÓRIA-ES

2022

JACIARA MARQUES

UMA ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DO ÊXTASE PETENCOSTAL E DA NOÇÃO  
BÍBLICA DE FRUTO DO ESPÍRITO

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de  
Artigo como requisito parcial para obtenção do  
grau de Bacharel em Teologia. Faculdade  
Unida de Vitória.

Orientador: Kenner Roger Cazotto Terra

VITÓRIA-ES

2022

## UMA ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DO ÊXTASE PENTECOSTAL E DA NOÇÃO BÍBLICA DE FRUTO DO ESPÍRITO

*Jaciara Marques<sup>1</sup>*

**Resumo:** O objetivo da presente pesquisa consiste em analisar a experiência do êxtase pentecostal com a noção bíblica de fruto do espírito. Procura-se responder a seguinte pergunta-problema: como se estabelecem as relações entre a experiência do êxtase pentecostal com a noção de fruto do espírito, de modo que essa relação desemboque numa transformação social? Para tanto, a experiência do êxtase pentecostal é apresentada à luz do Judaísmo e do Cristianismo, tendo como base a pesquisa bibliográfica, através do método indutivo, como caminho metodológico privilegiado. O pensamento de Paul Tillich esclarece a noção de êxtase que perpassa o artigo, entretanto, o referencial teórico é construído à luz das ideias de Kenner Terra e David de Oliveira, que situam essa categoria no âmbito do pentecostalismo com enfoque na hermenêutica pentecostal. Nas seções do artigo, pretende-se verificar a experiência do êxtase na perspectiva das religiões: judaica; cristã; e no pentecostalismo, enfatizando, nessa última vertente, seus aspectos históricos e teológicos. A experiência do êxtase no pentecostalismo é apresentada com uma proposta pneumatológica que redundará numa transformação social, o que contribui para as constatações finais do artigo, isto é, de que o êxtase pentecostal possui, em alguma medida, relações com a noção bíblica de fruto do espírito nas religiões judaicas e cristãs.

**Palavras-chave:** Êxtase. Pentecostalismo. Judaísmo. Cristianismo. Fruto do Espírito

### INTRODUÇÃO

Este artigo se debruça sobre uma análise da experiência do êxtase pentecostal com a noção bíblica de fruto do espírito. A experiência pentecostal é investigada no interior das religiões judaica e cristã. Pretende-se responder a seguinte questão: como se estabelecem as relações entre a experiência do êxtase pentecostal com a noção de fruto do espírito, de modo que essa relação desemboque numa transformação social?

Os argumentos estão fundamentados na noção de êxtase em Paul Tillich,<sup>2</sup> mas são as ideias de David de Oliveira e de Kenner Terra que constituem o referencial teórico para situar essa categoria no interior do pentecostalismo, com enfoque na hermenêutica pentecostal. O pensamento desses autores ajuda a compreender melhor as nuances em torno da experiência do êxtase, bem como possibilitam o diálogo com os diferentes autores explorados no artigo.<sup>3</sup>

A pesquisa recorre à metodologia bibliográfica, através do método indutivo. Pretende-se observar a literatura explorada e desenvolver a hipótese incipiente de que a experiência do

---

<sup>1</sup> Graduanda em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória. E-mail: jaciara.marques.tst@gmail.com.

<sup>2</sup> TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2011. p. 124-125.

<sup>3</sup> OLIVEIRA, David M.; TERRA, Kenner R. C. *Experiência e hermenêutica pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018. p. 93.

êxtase no pentecostalismo pode ser aprimorada a partir de uma proposta pneumatológica que a insere como germe da transformação social.

O artigo está estruturado em três seções. A primeira se debruça sobre uma análise do êxtase e a religião, apresentando o êxtase tanto na ótica de Paul Tillich quanto na religião judaica e cristã. Depois, enfatiza-se o pentecostalismo como um conceito perpassado pela pluralidade e por aspectos históricos e teológicos, tendo a experiência como ponto nevrálgico. Por fim, a teologia do pentecostalismo é descrita e pensada numa relação com a experiência do êxtase, apontando para uma proposta pneumatológica em essa categoria conflui para uma ação transformadora no mundo.

O artigo não consegue e não pretende esgotar a questão. Mas, é possível considerar que há relações estabelecidas entre a experiência do êxtase pentecostal com a noção bíblica de fruto do espírito. O resgate dos princípios judaicos e cristãos pressupõe que esse tipo de experiência pode desembocar em uma proposta pneumatológica como germe da transformação social.

## 1 ÊXTASE E RELIGIÃO

Com base no pensamento de Paul Tillich, o termo *êxtase* – que significa estar fora de si mesmo – aponta para um estado de espírito que é extraordinário, no sentido de que a mente transcende sua situação habitual. Nessa ótica, o êxtase não é uma negação da razão, extrapolando o estado da relação sujeito-objeto.<sup>4</sup> “É o estar possuído por algo de fora do seu próprio ser, um estado de alegria indizível ou de tristeza. O êxtase, em sentido religioso, é o fenômeno que acontece no espaço religioso”<sup>5</sup>.

De acordo com Luigi Schiavo:

A experiência religiosa é chamada de religião. A palavra religião vem do termo latim re-ligar, que designa o ato de juntar, unir. A religião, de um lado une a terra e o céu; do outro, ela se caracteriza como uma estrutura simbólica que busca dar sentido unitário e global (o ato de juntar) à existência humana.<sup>6</sup>

Com efeito, entende-se por êxtase religioso o estado de transcendência do ser humano em direção à divindade. Paul Tillich argumenta o seguinte:

---

<sup>4</sup> TILlich, 2011, p. 124-125.

<sup>5</sup> BORTOLLETO FILHO, Fernando. Êxtase. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando. *Dicionário brasileiro de teologia*. São Paulo: Aste, 2008. p. 236.

<sup>6</sup> SCHIAVO, Luigi. Conceitos e interpretações da religião. In: LAGO, Lorenzo; REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor. (orgs.). *O sagrado e as construções de mundo*: roteiro para as aulas de introdução à teologia na universidade. Goiânia: Universa; UCG, 2007. p. 67.

Na revelação e na experiência extática em que é recebida, o choque ontológico é preservado e superado ao mesmo tempo. Ele é preservado no poder aniquilador da presença divina (*mysterium tremendum*) e é superado no poder fascinante da presença divina (*mysterium fascinosum*). O êxtase une a experiência do abismo, ao qual é conduzida a razão em todas as suas funções, e a experiência do fundamento e da profundidade do ser em geral. O estado extático em que ocorre a revelação não destrói a estrutura racional da mente.<sup>7</sup>

No pensamento filosófico de Paul Tillich, o êxtase expressa a ideia de que a racionalidade extrapola a estrutura sujeito-objeto, e o espírito é levado, nesse sentido, por uma experiência transcendente. Ou seja, a pessoa é conduzida a viver na dimensão do espírito, entretanto, não há desintegração dos elementos que constituem essa pessoa. Para o autor, nesse estado de racionalidade extática, a razão não é invadida por elementos irracionais ou antirracionais. Nesse sentido, a experiência do êxtase não pode ser entendida como uma negação da razão, pelo contrário, “a ‘razão extática’ continua sendo razão”<sup>8</sup>.

Na lógica de Paul Tillich, a experiência do êxtase só seria possível mediante uma estrita interdependência com o fenômeno da revelação, em que alguma coisa que está oculta se manifesta de modo peculiar e especial, ou melhor, de forma extraordinária. Por isso, para o autor, não existe a possibilidade de haver uma experiência do êxtase sem a manifestação de uma revelação, pois, segundo ele, a mente precisa estar possuída pelo mistério para que aconteça uma possível ocorrência do êxtase. Novamente, “o êxtase une a experiência do abismo, ao qual é conduzida a razão em todas as suas funções, e a experiência do fundamento, no qual a razão é possuída pelo mistério de sua própria profundidade e da profundidade do ser em geral”<sup>9</sup>.

Isso ajuda a entender que, no pensamento desse autor, o êxtase só ocorre se a mente se sentir possuída pelo mistério, isto é, pelo fundamento do ser e do sentido. E vice e versa, não há revelação sem êxtase.<sup>10</sup> Com efeito, a experiência do êxtase, em Paul Tillich, extrapola o caráter emocional ou psicológico, afirmando os princípios básicos e lógicos da razão. O ser humano, por si só, não pode gerar uma experiência extática, porque o êxtase não é resultado de orações ou práticas religiosas, mas a razão é conduzida para além de si, transcendendo as fronteiras naturais do ser humano.<sup>11</sup>

À luz das breves definições apresentadas até aqui, é possível avançar para uma breve análise acerca do êxtase no interior da religião judaica.

---

<sup>7</sup> TILLICH, 2011, p. 126.

<sup>8</sup> TILLICH, 2011, p. 124.

<sup>9</sup> TILLICH, 2011, p. 126.

<sup>10</sup> TILLICH, 2011, p. 125.

<sup>11</sup> TILLICH, 2011, p. 125.

## 1.1 O êxtase na religião judaica

O fervor religioso da cultura judaica traz evidências da experiência do êxtase, e isso se mostra concretizado nos textos da Bíblia Hebraica.<sup>12</sup> Ao descrever a leitura bíblica das pessoas pentecostais, David de Oliveira e Kenner Terra relatam que:

O acesso à bíblia como Palavra de Deus, termo com o qual os cristãos em geral denominam as escrituras judaico-cristãs, tidas como sagradas [...], o viés da experiência confere uma distinção a essa relação com o texto sagrado, pois promove a interiorização e apropriação da palavra (oralizada ou performatizada) e, ao mesmo tempo, projeta a palavra no exterior, ressignificando o mundo ao seu redor.<sup>13</sup>

Na Bíblia Hebraica, algumas expressões usadas pelos profetas comprovam o êxtase religioso no judaísmo, a saber: eu vi a voz; ouvi a voz; o Senhor Deus diz; tive uma visão; vi um livro em forma de um rolo; dentre outras. Essas são experiências mencionadas nos relatos bíblicos, que, através delas, segundo David de Oliveira e Kenner Terra, eram perpassadas por um imaginário em que se acreditava que o visionário, além de ter acesso a uma sabedoria superior, passava por transformações *angelomórficas*<sup>14</sup>. Além disso, juntamente com os sonhos, o transe ou o êxtase funcionam como mecanismos para essas revelações. Mas, é importante ressaltar que, além da tradição judaica, no mundo antigo, em geral, a experiência do êxtase que pressupunha viagens ao céu era comum.<sup>15</sup>

Os textos da cultura Judaica deixam perceptíveis as imagens que descrevem o êxtase. Conforme David de Oliveira e Kenner Terra, essas imagens podem ser notadas nos seguintes eventos: som de vento; línguas de fogo ladeadas por expressão de êxtase; e glossolia pelo enchimento do Espírito. Para os autores, esses temas costumam aparecer na apocalíptica judaica, especialmente nos textos de tipo viagem além-mundo. É necessário indicar que as imagens de êxtase, o acesso aos conteúdos revelados e a proclamação aparecem juntas não somente na tradição apocalíptica, mas, também, no profetismo do Israel antigo.<sup>16</sup>

Richard Bauckham apresenta alguns exemplos dessas imagens, por exemplo, Zacarias, que, em sua visão, depara-se com um candelabro de ouro com sete lâmpadas.<sup>17</sup> Outra

<sup>12</sup> BÍBLIA Hebraica Stuttgartensia [Autores dos comentários e notas: Karl Elliger e Wilhelm Rudolph]. Berlim: Deutsche Bibelgesellschaft, 1990.

<sup>13</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 93.

<sup>14</sup> O termo pressupõe a crença num processo de glorificação que um visionário se submete para receber revelações especiais, como acontece com o personagem bíblico Melquisedec que, em Hebreus 7, 1-10, prefigura a imagem de um sacerdote celestial. Para mais informações, consulte: OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 190.

<sup>15</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 190.

<sup>16</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 190.

<sup>17</sup> BAUCKHAM, Richard. *A teologia do livro de Apocalipse*. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2022. p. 129.

experiência que esse autor apresenta é a que está descrita em Daniel 12, 4-9:<sup>18</sup> “o anjo diz ao profeta: ‘feche com um selo as palavras do livro até o tempo do fim [...] Siga o seu caminho, Daniel, pois as palavras estão seladas e lacradas até o fim’<sup>19</sup>. É importante perceber que as visões de Daniel estão relacionadas a um futuro distante da época em que ele vive.

Roger Stronstad compreende que, “em contraste com a Bíblia Hebraica, a literatura clássica do período intertestamentário é singularmente desprovida da atividade carismática, vocacional e experiencial do Espírito de Deus”<sup>20</sup>. Para ele, vários textos amplamente espalhados em direção ao final do período acabam atestando, eloquentemente, acerca da crença na cessação da atividade carismática, em geral, na inspiração profética, em particular.<sup>21</sup> Ele ainda considera que o historiador judeu Flávio Josefo consagrou expressamente a crença na cessação da inspiração profética nesse período. Ele informa que: “de Artaxerxes até o nosso tempo, a história completa foi escrita, mas não foi considerada digna de crédito igual aos registros anteriores, por causa da falha na sucessão dos profetas”<sup>22</sup>. O autor ainda relata que, “com a cessação da inspiração profética, ninguém poderia escrever em nome próprio, mas tinha agora de escrever sob pseudônimo, ou seja, em nome de figuras bíblicas como Enoque, os Dozes Patriarcas, Baruque e Esdras”<sup>23</sup>.

Por isso, David de Oliveira e Kenner Terra entendem que experiências de alteração psicológica, êxtase, até com resquícios de transe, aparecem em outros textos proféticos, por exemplo: Is 21, 1-10; Ez 3, 15. A música regida com instrumentos, aliada aos temas do *Espírito de Javé* e *A mão do Senhor*, também compõe alguns textos da Bíblia Hebraica. As manifestações do êxtase profético podem ser notadas em: 1 Samuel 10, 5-13; 11, 6; 1 Reis 19, 46; e 2 Reis 3, 15. Essas manifestações eram tão desconcertantes que “o profeta era erroneamente interpretado como um *meshugga*, isto é, ‘louco’ [...]. Nesse sentido, no profetismo, ambiente de anúncio da *dabar*, o êxtase era meio e constitui-se como parte do processo”<sup>24</sup>.

Na cultura judaica, pode-se mencionar ainda a *mercavah* – literatura do mundo judaico. David de Oliveira e Kenner Terra relatam que, nesses textos, “o visionário é levado até regiões celestiais e contempla a organização cósmica, as funções dos anjos e o templo celestial, com a

---

<sup>18</sup> Para a citação dos versículos bíblicos, o artigo utiliza a seguinte tradução do texto bíblico: BÍBLIA de Jerusalém: Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

<sup>19</sup> BAUCKHAM, 2022, p. 25.

<sup>20</sup> STRONSTAD, Roger. *A teologia carismática de Lucas: trajetórias do Antigo Testamento e Lucas-Atos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018. p. 50.

<sup>21</sup> STRONSTAD, 2018, p. 51.

<sup>22</sup> JOSEFO, Flávio, [s.d.] *apud* STRONSTAD, 2018, p. 51.

<sup>23</sup> STRONSTAD, 2018, p. 51.

<sup>24</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 190-191.

*mercavah* (o trono carruagem de Deus)”<sup>25</sup>. Através dessas experiências, acreditava-se que o visionário, além de ter acesso a uma sabedoria superior, passava por transformações angelomórficas e, juntamente com os sonhos, o transe ou o êxtase eram os mecanismos para essas revelações.<sup>26</sup> Agora, parte-se para uma breve análise acerca da experiência do êxtase no Cristianismo.

### 1.1 O êxtase no Cristianismo

No período intertestamentário, impedidos pela devoção à lei, conforme Roger Stronstad:

A interpretação tomou o lugar da inspiração profética, o ensino tomou o lugar da proclamação, e o escriba tomou lugar do profeta. Por causa da preocupação com a piedade da Torá, no judaísmo intertestamentário, o ambiente era desfavorável para restauração da liderança carismática, em geral e, em particular, para a restauração da inspiração profética.<sup>27</sup>

Roger Stronstad explica que, após o período de quatrocentos anos de silêncio – interbíblico –, em Lucas-Atos, tem-se o ressurgimento das incumbências proféticas. O êxtase no Cristianismo passa a ser notório, de acordo com os relatos bíblicos de Jesus na ocasião da descida do Espírito Santo em seu batismo (Lc 3, 21-22), e na teofania que experienciou no monte da transfiguração (Lc 9, 28-36). Nas palavras de Roger Stronstad, “Lucas dá início ao ministério público de Jesus na Galileia, ao relatar a experiência de teofania que Jesus teve quando foi batizado por Joao Batista, e conclui o ministério de Jesus na Galileia, ao relatar a experiência de teofania que Jesus teve no chamado monte da transfiguração”<sup>28</sup>.

No Cristianismo, o êxtase tem suas raízes na religião judaica. Segundo Otto Piper:

O Novo Testamento, não menos que o Velho, é expressão da mente hebraica. Pouquíssimo da linguagem do NT é influenciada pelo helenismo [...]. Para a mente hebraica, linguagem não é idêntica com verdade [...]. A linguagem serve meramente para conduzir outra pessoa à verdade, ontológica que se encontra nas coisas e nas pessoas[...]. Para os hebreus, este mundo é criado por Deus, e assim depende, em todo o tempo, da vontade de Deus, e o conhecimento do mundo é, necessariamente, conhecimento do mundo de Deus [...]. Para a mente hebraica, a realidade divina é alguma coisa que está a operar na história da espécie humana, embora seja distinto dela no mundo da experiência.<sup>29</sup>

<sup>25</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 191.

<sup>26</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 191.

<sup>27</sup> STRONSTAD, 2018, p. 55.

<sup>28</sup> STRONSTAD, 2018, p. 65.

<sup>29</sup> PIPER, Otto. Terminologia teológica. In: FERREIRA, Júlio A. *Antologia teológica*. São Paulo: Novo Século, 2007. p. 81-85.

Segundo David de Oliveira e Kenner Terra, o êxtase religioso é perceptível em Atos 2, 1-4. O texto de Atos começa dizendo que, no dia do Pentecostes, cinquenta dias depois da Páscoa, os discípulos estavam reunidos quando, de repente, surgiu do céu um som, um eco. A imagem do vento lembra as teofanias da tradição judaica.<sup>30</sup> Isso indica que a experiência do êxtase no Cristianismo está muito atrelada à tradição judaica. É importante, agora, verificar como essa experiência se caracteriza no interior do pentecostalismo.

## 2 A TEOLOGIA PENTECOSTAL

A palavra *pentecostes* – do grego *pentekostos* –, em sentido literal, significa quinquagésimo. Pentecostes era a segunda das três principais festas judaicas da antiga aliança, e era realizada cinquenta dias após o período da páscoa judaica (Lv 23, 15-21). Essa é a origem do nome Pentecostes. Além disso, era chamada também de festa das Semanas e Festa das Primícias (Ex 34, 22). Passados quinze longos séculos, o Pentecoste deixou de ser apenas uma festividade litúrgica e entrou no cenário histórico do Cristianismo, marcando, por exemplo, a fundação da igreja (At 2, 1-13).<sup>31</sup>

O movimento pentecostal é plural e perpassado por idiossincrasias teológicas e litúrgicas, sendo, desse modo, mais adequado utilizar a expressão *pentecostalismos*, no plural, para chamar atenção para essa diversidade.<sup>32</sup> O termo está sendo utilizado no singular neste artigo, sem perder de vista a pluralidade que o caracteriza. Em relação à pluralidade pentecostal, David de Oliveira e Kenner Terra descrevem:

A verdade pentecostal é baseada na relação sobrenatural, em nível individual e comunitário com o Espírito Santo, e a substância de plausibilidade da fé é demonstrada pelas expressões carismáticas. Logo, a experiência do encontro com Deus é a central ênfase dos pentecostalismos e não a doutrina ou o ensino.<sup>33</sup>

O pentecostalismo tem como base a Bíblia, que, nas palavras de Roger Stronstad:

A Bíblia é o relato escrito da revelação prévia de Deus que, não obstante, o intérprete experimenta não somente como um documento histórico, mas como a Palavra contemporânea de Deus para nós [...]. A compreensão dessa Palavra histórica e, ao mesmo tempo, contemporânea exige tanto os pressupostos cognitivos quanto os

<sup>30</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 189.

<sup>31</sup> CARVALHO, César M. *Pentecostalismo e pós-modernidade: quando a experiência sobrepõe-se à Teologia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. p. 73.

<sup>32</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 23.

<sup>33</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 42.

experienciais; ou seja, a compreensão da Bíblia vem simultaneamente da mente e do coração.<sup>34</sup>

De acordo com David de Oliveira e Kenner Terra, os pentecostais tomam como referência ou lugar de partida o êxtase, sendo os carismas importantes nesse processo. Assim, não se trata de uma racionalidade dos carismas ou do seu valor mediador, mas da experiência imediata e significativa com o divino que eles potencializam. Ao mudar esse ponto de partida, corre-se o risco de perder-se o específico da contribuição pentecostal.<sup>35</sup> Com base nisso, na sequência, é importante refletir sobre algumas questões que envolvem a história e a teologia do pentecostalismo, sem desprezar a noção de experiência que perpassa essa vertente do Cristianismo.

## 2.1 O pentecostalismo e sua história

A história do pentecostalismo é influenciada pelo ensino de Wesley. Segundo Donald Dayton, no chamado pentecostalismo de quatro pontos, todos os seus “elementos vieram a se construir separadamente ou a partir de várias combinações de outras tradições cristãs”<sup>36</sup>. Os quatro elementos são: Jesus salva; Jesus batiza com o Espírito Santo; Jesus cura; Jesus voltará, universalmente confessados por todo pentecostalismo e que se formaram separadamente no interior do movimento de santidade, confluindo, ao longo do século XIX, para sua transformação em um movimento pentecostal. Para o autor, “um ponto comum que vai progressivamente contribuir para tal transformação foi o deslocamento do centro paulino da hermenêutica bíblica protestante para o centro lucano da hermenêutica bíblica pentecostal – isto é, o uso dos textos bíblicos do modelo didático para o modelo narrativo”<sup>37</sup>.

De acordo com Vinson Synan e Charles Fox Junior:

O avivamento na Rua Azusa, sob a liderança de Seymour, também se opôs ao racismo e segregação da época, com negros e brancos adorando juntos sendo liderados por um pastor negro. Frank Bartleman, um participante branco dos cultos na Rua Azusa, expressou o espírito daquelas reuniões históricas, afirmando que ‘a linha racial havia sido lavada no sangue de Jesus’. Houve uma grande efusão do Espírito Santo, e Seymour foi o líder escolhido por Deus neste momento crucial da história. As qualidades de liderança de Seymour floresceram em uma época em que os afro-americanos não eram considerados por suas competências. Todavia, Seymour dissiparia

---

<sup>34</sup> STRONSTAD, 2018, p. 96.

<sup>35</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 47.

<sup>36</sup> DAYTON, Donald. *Raízes teológicas do pentecostalismo*. Natal: Carisma, 2020. p. 22.

<sup>37</sup> DAYTON, 2020, p. 23.

esses mitos racistas liderando um dos maiores reavivamento da história da igreja americana.<sup>38</sup>

Nesse sentido, não seria inútil considerar que um culto conduzido por um pastor negro, numa sociedade segregacionista, gerou transformações sociais através do pentecostalismo, que, segundo os autores supramencionados, foi conhecido como o avivamento da Rua Azusa, sob a liderança de William Seymour.<sup>39</sup>

Em todos os períodos da história, explica César Carvalho, todas as vezes que o Espírito Santo se manifestou na vida de uma pessoa, essa interpretação bíblica apontava para o papel de um verdadeiro cristão pentecostal, pois seria impossível não deixar fluir o que recebera. Ou seja, era necessário dividir ou compartilhar a experiência com outras pessoas.<sup>40</sup> Segundo Roger Stronstad, embora o crescimento rápido e abrangente do pentecostalismo tenha feito com que muitos evangélicos tradicionais adotassem uma atitude mais neutra, ou mesmo mais favorável, em relação ao pentecostalismo, em comparação ao costume da sua tradição, muitos evangélicos, principalmente os de tradição reformada, continuam a distorcer, com pressupostos experienciais hostis e negativos, a interpretação de textos importantes para o pentecostalismo.<sup>41</sup>

Roger Stronstad considera ainda que “o testemunho coerente do Novo Testamento relata que Jesus, os discípulos e convertidos judeus e gentios tiveram uma experiência carismática, então não se trata de algo anormal, mas perfeitamente normal”<sup>42</sup>. O pentecostalismo afirma o lugar integral que os milagres de cura literais ocupam no ministério de Jesus, insistindo que tais milagres devem ainda ser experimentados em nossos tempos, porque eles constituem parte da experiência da igreja primitiva pós-pentecostes, conforme os relatos do livro dos Atos dos Apóstolos. Os milagres de cura são não só parte da salvação e alívio trazidos à humanidade pelo Evangelho, mas são também um sinal de segurança para as pessoas crentes e testemunhos para descrentes.<sup>43</sup> Por isso, faz-se necessário analisar a noção de experiência no âmbito do pentecostalismo.

## 2.2 A experiência no pentecostalismo

A experiência religiosa pentecostal não pode ser analisada fora da tríade *espírito, escritura e comunidade*. Os pentecostais se caracterizam pelas afirmações impetuosas da ação

<sup>38</sup> SYNAN, Vinson; FOX JUNIOR, Charles R. *William Seymour: a biografia*. Natal: Carisma, 2017. p. 27.

<sup>39</sup> SYNAN; FOX JUNIOR, 2017, p. 27.

<sup>40</sup> CARVALHO, 2017, p. 75.

<sup>41</sup> STRONSTAD, 2018, p. 98.

<sup>42</sup> STRONSTAD, 2018, p. 99.

<sup>43</sup> DAYTON, 2020, p. 57.

presente do espírito, à luz de uma interpretação pneumática da escritura, em suas vivências na comunidade.<sup>44</sup> Segundo Gutierrez Siqueira e Kenner Terra:

A perspectiva da ‘revivência da experiência’ é o que caracteriza a leitura bíblica pentecostal. Isso significa dizer o seguinte: os sinais experienciados nas comunidades cristãs originárias (glossolalia, batismo com o Espírito Santo, profecia, empoderamento do Espírito etc.), especialmente em Atos, são os mesmos das comunidades pentecostais contemporâneas.<sup>45</sup>

Dessa forma, suscitar a questão da disponibilidade da experiência do Pentecostes para cada geração de crentes é levantar explicitamente a questão da permanente validade do fenômeno relatado no Novo Testamento, “não só os charismata como a glossolalia, mas também, o que é ainda mais difícil, a questão da cura divina, considerada no Novo Testamento com um “dom do Espírito”<sup>46</sup>. A experiência, nesse sentido, é um elemento muito destacado no interior da religião cristã, e ela está no pano de fundo dos aspectos teológicos que marcam o pentecostalismo. Esse assunto será abordado na próxima seção deste artigo.

### 3 O PENTECOSTALISMO E SUA TEOLOGIA

A teologia pentecostal tem seu berço na hermenêutica pentecostal. Como visto na seção anterior, a via de conhecimento da teologia pentecostal é a experiência. David de Oliveira e Kenner Terra descrevem a hermenêutica pentecostal como “a história da interpretação, o ‘autor’, ‘texto’ e ‘leitor’ tornam-se mundos em favor dos quais as perspectivas hermenêuticas lutaram pela defesa de seu valor e imprescindibilidade na ‘compreensão’, ‘construção’ ou ‘criação’ do sentido”<sup>47</sup>. A hermenêutica pentecostal é, antes de tudo, uma hermenêutica teológica participativa e relacional – um modo de interpretar a vida e a realidade última. A vida, nesses termos, é uma experiência nascida, formada e moldada mediante a participação comunitária, afirmam Gutierrez Siqueira e Kenner Terra.<sup>48</sup>

Ao ressaltar alguns aspectos teológicos no movimento pentecostal, Willian Menzies e Robert Menzies argumentam que:

Desde seu início, o movimento pentecostal tem enfatizado a narrativa de Lucas-Atos. É evidente que os aspectos distintivos da teologia pentecostal, principalmente a ênfase com o batismo no Espírito como experiência distinta na conversão, são enraizadas em

<sup>44</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 49.

<sup>45</sup> SIQUEIRA, Gutierrez; TERRA, Kenner. *Autoridade bíblica & experiência no Espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática*. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 198.

<sup>46</sup> DAYTON, 2021, p. 57.

<sup>47</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 35.

<sup>48</sup> SIQUEIRA; TERRA, 2020, p. 337.

Lucas-Atos. Sem os escritos lucanos não haveria nenhuma teologia pentecostal, porque não conheceríamos o dom pentecostal.<sup>49</sup>

As teologias são múltiplas e variadas e surgem das necessidades dos diferentes contextos históricos. Segundo Roger Stronstad, “a teologia pentecostal é uma teologia certificada pela experiência [...]. Embora os evangélicos tradicionais adotem uma teologia de negação quanto à experiência carismática, os pentecostais mantêm uma postura afirmativa”<sup>50</sup>.

Isso se deve ao fato de os pentecostais trazerem pressupostos experienciais favoráveis e afirmativos ao seu entendimento dos textos bíblicos dos quais se apropriaram.<sup>51</sup> Robert Menzies se refere em relação aos pentecostais e aos evangélicos como grupos distintos, ou seja, os evangélicos pentecostais e os evangélicos não pentecostais. Para ele:

Os pentecostais são evangélicos no sentido de que afirmamos a autoridade bíblica, proclamamos que a salvação é encontrada somente em Jesus (At 4.12) e enfatizamos a importância de partilhar o Evangelho com os outros. Em muitos aspectos, a maioria dos pentecostais leem a Bíblia de forma semelhante aos nossos irmãos evangélicos. Os pentecostais e os evangélicos ressaltam a importância da intenção do autor bíblico, procuram entender a passagem à luz do seu contexto histórico e literário. O significado histórico é importante para ambos os grupos.<sup>52</sup>

Ou seja, esse argumento reforça um assunto tratado na seção anterior acerca de que, na experiência pentecostal, a tríade *espírito, escritura e comunidade* se destaca. Isso lança novas luzes para a compreensão da experiência do êxtase no pentecostalismo e apontar para uma proposta pneumatológica em relação a essa experiência.

### 3.1 A experiência do êxtase

A experiência do êxtase é compreendida nestas linhas como o transbordamento da experiência espiritual, ou melhor, uma experiência mística que pressupõe, experiencialmente, uma relação direta com a divindade. Na Bíblia Hebraica, tais experiências se destacam com as visões do mundo celestial e com as viagens além-mundo. O profeta Amós descreve o seguinte, em sua visão: “o Senhor Deus me mostrou numa visão o seguinte: Estava ali uma cesta cheia de frutas maduras. Ele me perguntou: Amós o que você está vendo” (Am 8, 1-2). Esse contato direto com a divindade é uma referência comum na cultura judaica.

---

<sup>49</sup> MENZIES, William W.; MENZIES, Robert P. *No poder do espírito: fundamentos da experiência pentecostal: um chamado ao diálogo*. Natal: Carisma, 2020. p. 59.

<sup>50</sup> STRONSTAD, Roger. *Hermenêutica pentecostal: espírito, escritura e teologia*. Natal: Carisma, 2020. p. 113.

<sup>51</sup> STRONSTAD, 2020, p. 104.

<sup>52</sup> MENZIES, Robert P. *Pentecostes: essa história é a nossa história*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018. p. 24.

No relato da experiência do êxtase dos profetas Elias e Eliseu, em 2 Reis 2, Elias é levado para o céu numa espécie de redemoinho: “e assim foram andando e conversando. De repente, um carro de fogo puxado por cavalos de fogo os separou um do outro, e Elias foi levado para o céu num redemoinho. Eliseu viu o que aconteceu” (2 Rs 2, 11). No contexto de Elias e Eliseu, pode-se afirmar que ambos tiveram a experiência de êxtase, um com a viagem e o outro com a visão.

No período interbíblico, dos quatrocentos anos de silêncio, no qual tentaram calar os profetas, foram desenvolvidos vários textos. Esses textos já foram considerados parte integrante de textos sagrados. Eduardo de Proença relata que:

Pseudo-epígrafos e apócrifos (Apokruphoi, secreto), são livros escritos por comunidades cristãs e pré-cristãs (ou seja, há livros apócrifos do Antigo Testamento) nos quais os líderes e a comunidade cristã não reconheceram como Escritura Sagrada e, portanto, não foram incluídos no cânon bíblico. Nem sempre estes livros foram considerados apócrifos pela comunidade de fé, seja ela judaica ou cristã.<sup>53</sup>

Dentre os textos judaicos e pseudo-epígrafos que se destacam entre as comunidades e que são perpassados pelas experiências de êxtase, Eduardo de Proença cita o livro de Enoque: “os anjos proporcionaram-me a visão d’Ele, e deles é que eu aprendi; por meio deles também me foi dado compreender as coisas que pude ver, mas não em relação a geração presente, mas sim em relação a uma geração futura (I Enoque 1:1)”<sup>54</sup>. Em relação às viagens além-mundo, o autor considera em Enoque o seguinte:

Tomaram-me, então, e transportaram-me a um lugar onde as coisas se apresentavam como chamas de fogo, e quando queriam, podiam transformar-se em formas humanas. Depois, levaram-me ao lugar das trevas e sobre uma montanha, cujo cume alcançava o céu (I Enoque 16:1).<sup>55</sup>

O livro de Enoque, mesmo não sendo reconhecido como escritura sagrada pelos líderes que formaram o cânon bíblico, aparece em várias tradições judaicas/cristãs. Na epístola de Judas, por exemplo, é descrita uma profecia em que Enoque é reconhecido pelas comunidades de fé (Jd 14-15). As últimas pesquisas apontam para a presença, em textos canônicos e não canônicos, das experiências visionárias do mundo judaico-cristão, que são eivadas de êxtase: perda de força, tremores, enrijecimento dos músculos, prostrações, gritos, línguas, profecias e experiências de viagem além-mundo ou de acessos privilegiados ao divino.<sup>56</sup> Com isso, é

<sup>53</sup> PROENÇA, Eduardo. *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Fonte, 2005. p. 9.

<sup>54</sup> PROENÇA, 2005, p. 259.

<sup>55</sup> PROENÇA, 2005, p. 268.

<sup>56</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 47.

possível apontar para uma proposta pneumatológica acerca da experiência do êxtase no pentecostalismo. Esse empreendimento será realizado na próxima seção.

### 3.2 A noção bíblica de fruto do espírito

Esta subseção é pautada exclusivamente na narrativa bíblica, num exercício exegético em que o fruto do espírito é apresentado numa relação com a conduta dos cristãos e cristãs no mundo. Por isso, explora-se mais uma perspectiva teológica que toma por base o texto bíblico e suas considerações acerca do fruto do espírito.

Em Gálatas 5, 22, o fruto do espírito pode ser considerado como a seleção de virtudes provocadas pelo Espírito Santo na vida das pessoas que o recebem. As pessoas que tiveram esse tipo de experiência são consideradas novas criaturas. À luz do texto bíblico, é possível compreender claramente que o fruto do espírito resulta num estilo de vida ou numa conduta integral representativa do caráter cristão.<sup>57</sup>

De acordo com Apóstolo Paulo, o fruto do espírito possui uma lista representativa, que inclui: o amor, a alegria, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fidelidade, a mansidão e o domínio próprio. O amor está na base para as demais virtudes (1 Cor 13; Ef 5, 2; Cl 3, 14). Em Gálatas 5, 6-13, Paulo já havia mencionado acerca da importância e da necessidade do amor na vida dos cristãos e cristãs de sua época. Por exemplo:

Ainda que eu falasse as línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como bronze que soa ou como címbalo que tine. Ainda que tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência, ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse a caridade, nada seria (1 Cor 13, 1-2).

Além disso, na narrativa bíblica, os discípulos de Jesus seriam reconhecidos pelo amor por eles demonstrado (Jo 13, 34-35).

A virtude da alegria pode ser entendida como uma consequência direta do amor, não superficial e não representativa da ausência de angústias ou dificuldades. Ou seja, nas palavras de Paulo, “tristes e, não obstante, sempre alegres” (2 Cor 6, 10a). Nesse sentido, o Espírito Santo produz um sentimento de alegria que torna o cristão alegre, mesmo diante da angústia e da aflição, no sentido de que “Deus coopera em tudo para o bem daqueles que o amam” (Rm 8, 28).

---

<sup>57</sup> SILVA, Antônio G. *Fruto do espírito*. Campinas: Global University, 2006. p. 14.

A paz também resulta do amor, pois ela precisa ser compartilhada entre as pessoas (Mt 5, 9). A longanimidade demonstra certa paciência por parte da pessoa que foi regenerada pelo Espírito Santo. Ao passar por essa experiência, a pessoa deixa de agir sob a ira que resulta das obras da carne (Gl 5, 20). Trata-se de uma virtude que, como fruto do espírito, está pautada na confiança em Deus e no cumprimento de suas promessas (2 Tm 4, 2-8).

A benignidade, além de resultar do amor, precisa ser demonstrada para as pessoas. Ou seja, o cristão e a cristã que possui o fruto do espírito não poderá causar dor a ninguém (Mt 5, 43-48; Lc 6, 27-38). Por sua vez, a virtude da bondade pode ser traduzida como uma generosidade presente no cristão e na cristã, bem como pode expressar ações que demonstram que ele e ela são conduzidos pelo Espírito Santo (Gl 5, 22).

Em relação à fidelidade como fruto do espírito não se resume apenas à lealdade para com as pessoas, mas, sobretudo, para com Deus e em relação a sua vontade na terra. A mansidão está em oposição à agressividade e à violência, demonstrando que o cristão e a cristã precisam ser *gentis uns com os outros*, sendo imitadores de Jesus (Mt 11, 29; 2 Cor 10, 1). Por fim, o domínio próprio aponta para uma relação consigo mesmo, podendo ser traduzido como temperança, ou seja, a capacidade que uma pessoa tem de conter a si mesma, numa atitude de devoção e obediência a Cristo.

Com base nisso, é possível dizer que, na prática, o modo de viver do cristão e da cristã está muito relacionado à noção bíblica de fruto do espírito. Mas, à luz das teorias até aqui observadas, é possível considerar que as ações dos cristãos e das cristãs precisam redundar em práticas transformadoras. Por isso, apresenta-se a seguir uma proposta pneumatológica em que a experiência do êxtase pentecostal é considerada como germe de uma transformação social.

### 3.3 Proposta pneumatológica

A palavra grega *pneuma* tem sentidos fundamentais e semelhantes ao termo hebraico *ruah* – sopro do vento ou sopro do hálito. O uso metafórico assinalado à vida *espiritual* ou o centro da personalidade – *espírito* – não pertence a semântica tradicional da língua grega, ao passo que o termo *ruah* se refere antes ao aspecto dinâmico de vento e hálito. A *pneuma* da língua grega é sempre imaginada como sendo também material. Na Septuaginta (LXX), o termo *pneuma* traduz duzentos e sessenta e quatro vezes o termo hebraico *ruah*, em parte, também, em lugares em que essa palavra indica a *vida espiritual* de uma pessoa. A experiência sobrenatural com o Espírito, a experiência do encontro com Deus, segundo David de Oliveira e Kenner Terra, “pode ser chamada de comunidade pneumática. Mesmo que herde da tradição

protestante a centralização da Bíblia, os pentecostais se aproximam da Bíblia com ‘óculos pneumáticos’<sup>58</sup>.

A palavra *espírito* é utilizada por Roger Stronstad para descrever Deus agindo. É a:

Ideia de ‘Deus em ação’ que está por trás do registro bíblico da atividade carismática do Espírito de Deus. [...] Por ‘carismático’, refiro-me ao dom de Deus do seu Espírito para os seus servos, individual ou coletivamente, para ungir, capacitar ou os inspirar para o serviço divino. Conforme está registrado nas Escrituras, as atividades carismáticas são, necessariamente, um fenômeno experiencial.<sup>59</sup>

David de Oliveira e Kenner Terra descrevem que:

A verdade pentecostal é baseada na relação sobrenatural, em nível individual e comunitário com o Espírito Santo, e a substância de plausibilidade da fé é demonstrada pelas expressões carismáticas. Logo, a experiência do encontro com Deus é a central ênfase dos pentecostais e não a doutrina ou o ensino.<sup>60</sup>

Com a vinda do Espírito Santo, no dia de Pentecostes, toda a igreja se tornou uma comunidade profética (At 2, 17-18). Todos os cristãos têm uma função profética, e deles espera-se que sejam profetas em sentido amplo, proclamando o Evangelho de Cristo para aquelas pessoas que os circulam.<sup>61</sup>

O Espírito, no meio dos cristãos, distribui dons divinos que, segundo David de Oliveira e Kenner Terra, “no âmbito pentecostal, o falar em línguas em estado de êxtase passa a ser *standard* para a espiritualidade cristã que se pratica de forma pessoal nos momentos de orações intensas ou mesmo no culto público”<sup>62</sup> [grifo nosso]. Entretanto, na visão de William Seymour:

As línguas são um dos sinais que acompanham cada pessoa batizada, mas não é a verdadeira evidência do batismo na vida cotidiana. Sua vida deve ser medida com os frutos do Espírito. Se você ficar com raiva, ou falar mal, ou caluniar, eu não me importo quantas línguas você possa falar, você não tem o batismo do Espírito Santo.<sup>63</sup>

Segundo Robert Menzies, os pentecostais devem ser os primeiros a reconhecer que o falar em línguas não é sinal de maturidade cristã. O batismo no Espírito, no sentido lucano, bem como a ação de falar em línguas não são garantias de uma vida impressionantemente marcada pelo fruto do Espírito.<sup>64</sup> Nesse sentido, a proposta pneumatológica deste artigo sugere que existem elementos na história, na teologia e na experiência do êxtase pentecostal que seguem na direção da transformação do mundo, através de uma ação responsável e comprometida, como

<sup>58</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 42.

<sup>59</sup> STRONSTAD, 2018, p. 32.

<sup>60</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 42.

<sup>61</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 239.

<sup>62</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 43.

<sup>63</sup> SYNAN; FOX JUNIOR, 2017, p. 59.

<sup>64</sup> MENZIES, 2018, p. 81.

pressupõe e a fé cristã. Essa proposta pneumatológica caminha rumo a afirmações de que as igrejas pentecostais podem efetivar o Reino de Deus, através do Espírito (Lc 17, 21).

Ou seja, a experiência do êxtase pentecostal ligada ao serviço e à missão cristã pode proporcionar um espaço democrático de protagonismo dos cristãos e cristãs nas igrejas pentecostais, pois a ênfase no batismo no Espírito Santo cultiva uma fissura humana para uma novidade na história. Nesse sentido, o mundo e a história deixam de ter um caráter especificamente estático, porque tudo pode ser alterado pela experiência com o poder do Espírito. A experiência extática, nesses termos, pode ser incluída, numa perspectiva pneumatológica, como o germe da transformação social.<sup>65</sup> Nesse sentido, é possível constatar que há, em certa medida, relações entre o êxtase pentecostal com a noção bíblica de fruto do espírito.

## CONCLUSÃO

Em síntese, o artigo pretendeu analisar a experiência do êxtase pentecostal com a noção bíblica de fruto do espírito. A experiência do êxtase pentecostal foi apresentada à luz do Judaísmo e do Cristianismo, tendo como base a pesquisa bibliográfica, através do método indutivo, que foi escolhido como caminho metodológico.

O artigo foi subdividido em três seções, no intuito de verificar a experiência do êxtase na perspectiva das religiões: judaica; cristã; e no pentecostalismo, enfatizando, nessa vertente, seus aspectos históricos e teológicos. A experiência do êxtase no pentecostalismo foi apresentada com uma proposta pneumatológica como germe da transformação social. As constatações iniciais do artigo foram confirmadas, ou seja, compreende-se que o êxtase pentecostal possui, em alguma medida, relações com a noção bíblica de fruto do espírito nas religiões judaicas e cristã.

Compreende-se, pois, que há uma relação intrínseca entre a experiência do êxtase com o fruto do espírito. É através do êxtase – que pressupõe um contato com a divindade –, do ir para além de si, que as pessoas são empoderadas e que se gera o fruto do espírito, que está para além do sujeito. Ou seja, o fruto do espírito representa as virtudes que uma pessoa recebe a partir da experiência do êxtase. Ao passo que esta última precede o desenvolvimento do fruto do espírito. Nesse sentido, a experiência do êxtase é fundamental para desembocar em processos de transformação social.

---

<sup>65</sup> TILLICH, 2011, p. 133.

Para a autora deste artigo, o êxtase pentecostal sempre esteve presente na vida da igreja. A experiência vem antes da teologia, pois Jesus Cristo é a experiência viva e paradigmática, que veio para reconstruir a experiência da tradição. Ele é o vento do espírito, que sopra onde quer. O êxtase pentecostal é, nesse sentido, fruto do Espírito Santo na vida litúrgica das pessoas que creem. O espírito leva para a realidade, e a realidade está para além da relação sujeito e objeto.

## REFERÊNCIAS

- BAUCKHAM, Richard. *A teologia do livro de Apocalipse*. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2022.
- BÍBLIA de Jerusalém: Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA Hebraica Stuttgartensia [Autores dos comentários e notas: Karl Elliger e Wilhelm Rudolph]. Berlim: Deutsche Bibelgesellschaft, 1990.
- BORTOLLETO FILHO, Fernando. Êxtase. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando. *Dicionário brasileiro de teologia*. São Paulo: Aste, 2008.
- CARVALHO, César M. *Pentecostalismo e pós-modernidade: quando a experiência sobrepõe-se à Teologia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- DAYTON, Donald. *Raízes teológicas do pentecostalismo*. Natal: Carisma, 2020.
- MENZIES, Robert P. *Pentecostes: essa história é a nossa história*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.
- MENZIES, William W.; MENZIES, Robert P. *No poder do espírito: fundamentos da experiência pentecostal: um chamado ao diálogo*. Natal: Carisma, 2020.
- OLIVEIRA, David M.; TERRA, Kenner R. C. *Experiência e hermenêutica pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.
- PIPER, Otto. Terminologia teológica. In: FERREIRA, Júlio A. *Antologia teológica*. São Paulo: Novo Século, 2007. p. 81-88.
- PROENÇA, Eduardo. *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Fonte, 2005.
- SCHIAVO, Luigi. Conceitos e interpretações da religião. In: LAGO, Lorenzo; REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor. (orgs.). *O sagrado e as construções de mundo: roteiro para as aulas de introdução à teologia na universidade*. Goiânia: Universa; UCG, 2007. p. 63-78.
- SILVA, Antônio G. *Fruto do espírito*. Campinas: Global University, 2006.
- SIQUEIRA, Gutierrez; TERRA, Kenner. *Autoridade bíblica & experiência no Espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática*. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2020.

STRONSTAD, Roger. *A teologia carismática de Lucas: trajetórias do Antigo Testamento e Lucas-Atos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

STRONSTAD, Roger. *Hermenêutica pentecostal: espírito, escritura e teologia*. Natal: Carisma, 2020.

SYNAN, Vinson; FOX JUNIOR, Charles R. *William Seymour: a biografia*. Natal: Carisma, 2017.

TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2011.